

MARIANE OLIVEIRA

UM CONTO DE SUSPENSE

PERDIDA



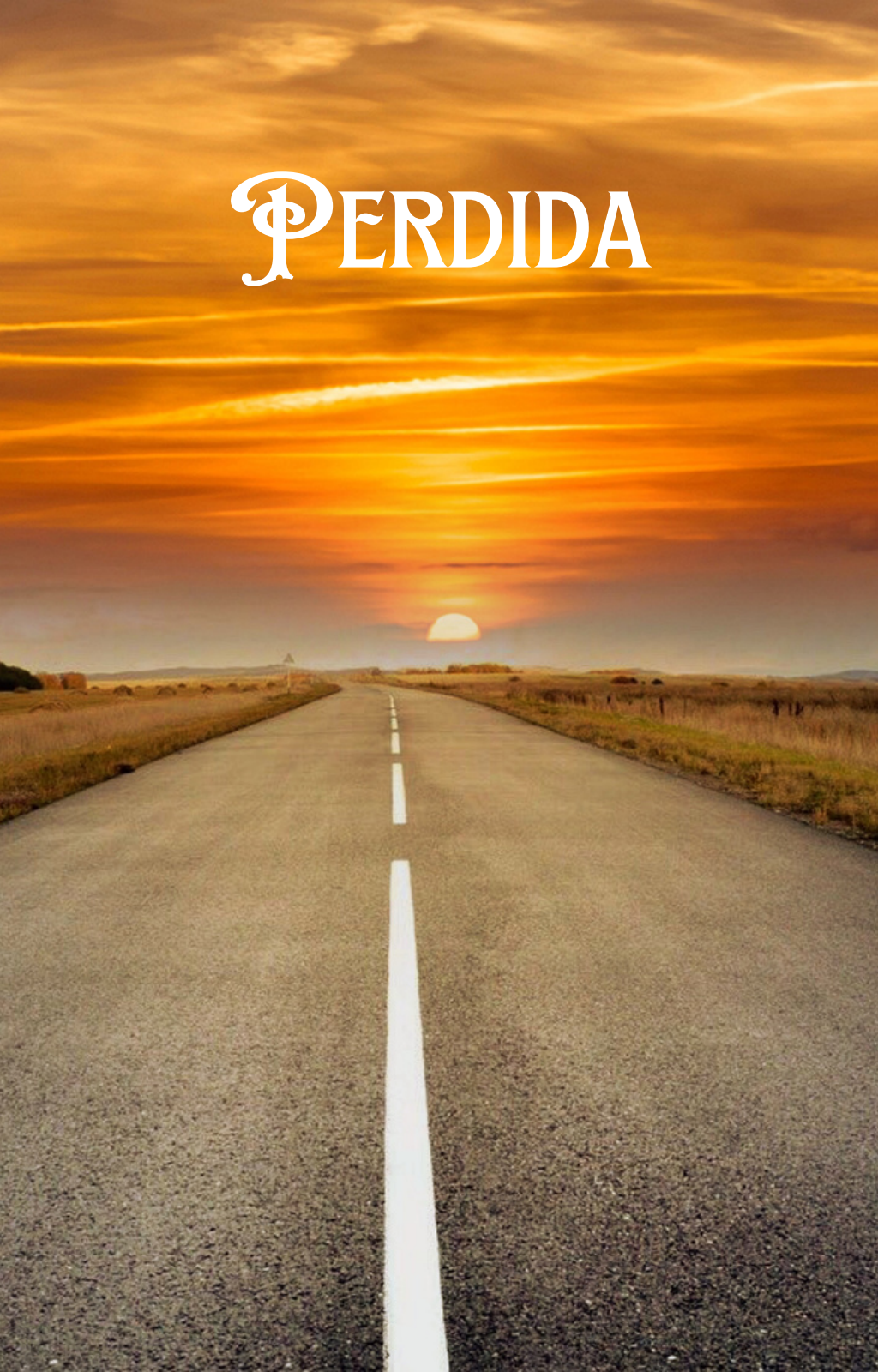
- AVISO LEGAL E DIREITOS AUTORAIS

ESTE CONTEÚDO FOI IDEALIZADO E DESENVOLVIDO PELA AUTORA MARIANE OLIVEIRA E ENCONTRA-SE PROTEGIDO PELAS LEIS DE DIREITOS AUTORAIS. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA A CÓPIA, REPRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO, VENDA OU QUALQUER FORMA DE COMERCIALIZAÇÃO DESTE MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA E POR ESCRITO DA AUTORA. TODAS AS INFORMAÇÕES, MÉTODOS, EXEMPLOS E ORIENTAÇÕES AQUI APRESENTADOS SÃO FRUTO DE SUA MENTORIA, COM APOIO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL APENAS PARA REVISÃO E MELHORIA TEXTUAL, POR MEIO DA PLATAFORMA DE SITES WEBNODE. AO ACESSAR ESTE CONTEÚDO, VOCÊ DECLARA ESTAR CIENTE DE QUE QUALQUER USO INDEVIDO PODERÁ RESULTAR EM MEDIDAS LEGAIS CABÍVEIS, PRESERVANDO A INTEGRIDADE E ORIGINALIDADE DO TRABALHO DA AUTORA.

AS IMAGENS DE FOTOS FORAM SELECIONADAS NA PLATAFORMA DE DESIGN GRÁFICO [CANVA.COM](https://www.canva.com), APENAS PARA FINS ILUSTRATIVOS. AS PESSOAS MOSTRADAS NAS IMAGENS NÃO SÃO MODELOS.

**NOSSOS CONTOS DE SUSPENSE
FORAM CRIADOS PARA PRENDER
SUA ATENÇÃO DESDE A PRIMEIRA
LINHA ATÉ O ÚLTIMO PARÁGRAFO.
CADA HISTÓRIA É CURTA, INTENSA
E CHEIA DE REVIRAVOLTAS,
PERFEITA PARA QUEM QUER
SENTIR AQUELE FRIO NA BARRIGA
SEM PRECISAR ENCARAR UM
LIVRO ENORME. VOCÊ
ENCONTRARÁ PERSONAGENS
ENIGMÁTICOS, SEGREDOS BEM
GUARDADOS E FINAIS
SURPREENDENTES QUE VÃO FICAR
NA SUA MENTE POR MUITO TEMPO.**

PERDIDA



NA ESTRADA DESERTA QUE LIGAVA
A PEQUENA CIDADE AO VILAREJO
VIZINHO, HAVIA UMA CURVA TÃO
FECHADA QUE OS FARÓIS
PARECIAM SEMPRE ENGOLIDOS
PELA ESCURIDÃO. NO TOPO DESSA
CURVA, ERGUIA-SE UMA CASA
ANTIGA, DE JANELAS ESTREITAS E
TELHADO TORTO, QUE TODOS
EVITAVAM OLHAR POR MUITO
TEMPO. DIZIAM QUE, EM NOITES DE
NEBLINA, UMA LUZ SOLITÁRIA
ACENDIA NO SÓTÃO, EMBORA
NINGUÉM MORASSE ALI HÁ
DÉCADAS.

NUMA NOITE CHUVOSA, ANA
VOLTAVA PARA CASA DIRIGINDO
DEVAGAR, O LIMPADOR DE PARA-
BRISA LUTANDO CONTRA A ÁGUA
PESADA. O RÁDIO CHIAVA,
PERDENDO O SINAL, QUANDO UM
VULTO ATRAVESSOU A ESTRADA
DE REPENTE. ELA FREOU
BRUSCAMENTE, O CARRO
DERRAPOU E PAROU A POUCOS
CENTÍMETROS DO BARRANCO.
TREMENDO, ANA SAIU PARA VER
SE HAVIA ATROPELADO ALGUÉM,
MAS A ESTRADA ESTAVA VAZIA.
APENAS O SOM DA CHUVA E O ECO
DISTANTE DE UM TROVÃO.

FOI ENTÃO QUE ELA VIU: A PORTA DA CASA NA CURVA ESTAVA ENTREABERTA, BALANÇANDO COM O VENTO. UMA LUZ AMARELADA ESCAPAVA POR UMA FRESTA, COMO SE ALGUÉM A ESTIVESSE CONVIDANDO A ENTRAR. O CELULAR DE ANA ESTAVA SEM SINAL, E O CARRO, AGORA, NÃO DAVA PARTIDA. SEM MUITAS OPÇÕES, ELA DECIDIU SUBIR O CAMINHO DE PEDRAS, CADA PASSO AFUNDANDO NA LAMA, O CORAÇÃO BATENDO TÃO ALTO QUE PARECIA DENUNCIAR SUA PRESENÇA.

AO EMPURRAR A PORTA, UM RANGIDO LONGO CORTOU O SILÊNCIO. O INTERIOR CHEIRAVA A MADEIRA ÚMIDA E POEIRA ANTIGA. A LUZ VINHA DE UMA LAMPARINA SOBRE UMA MESA, AO LADO DE UM RELÓGIO DE PAREDE PARADO ÀS 23H17. ANA CHAMOU POR ALGUÉM, MAS NÃO HOUE RESPOSTA. APENAS O ESTALAR DO PISO SOB SEUS PÉS. QUANDO ELA SE VIROU PARA SAIR, A PORTA SE FECHOU SOZINHA COM UM ESTRONDO, E A LAMPARINA APAGOU, MERGULHANDO TUDO NA ESCURIDÃO.

UM SUSSURRO ENTÃO PERCORREU
O CORREDOR, BAIXO E
ARRASTADO, COMO SE VIESSE DE
TODOS OS LADOS AO MESMO
TEMPO. "VOCÊ CHEGOU CEDO
DESTA VEZ..." ANA SENTIU A NUCA
GELAR. TATEANDO, ENCONTROU A
PAREDE E COMEÇOU A ANDAR,
TENTANDO ACHAR UMA JANELA.
SEUS DEDOS TOCARAM QUADROS
PENDURADOS, MAS, AO PASSAR A
MÃO SOBRE O VIDRO, PERCEBEU
QUE NÃO HAVIA REFLEXO ALGUM,
APENAS UMA SUPERFÍCIE FRIA E
VAZIA. COMO SE AS IMAGENS
TIVESSEM SIDO ARRANCADAS
DALI.

DE REPENTE, O RELÓGIO DE PAREDE VOLTOU A FUNCIONAR, MARCANDO CADA SEGUNDO COM UM TIC-TAC ALTO DEMAIS, QUASE ENSURDECEDOR. 23H18. 23H19. A CADA MINUTO, O SUSSURRO SE APROXIMAVA, REPETINDO A MESMA FRASE, AGORA MAIS CLARA: "VOCÊ CHEGOU CEDO DESTA VEZ..." ANA TROPEÇOU EM ALGO NO CHÃO E CAIU. AO APALPAR, ENCONTROU UMA CAIXA DE MADEIRA, TRANCADA COM UM CADEADO ENFERRUJADO. SEM SABER POR QUÊ, SENTIU QUE PRECISAVA ABRI-LA.

UMA FAÍSCA DE RELÂMPAGO
ILUMINOU O CÔMODO POR UM
SEGUNDO, REVELANDO UMA
CHAVE PENDURADA AO LADO DA
ESCADA. ANA CORREU, PEGOU A
CHAVE E, COM AS MÃOS
TRÊMULAS, ABRIU A CAIXA.
DENTRO, HAVIA UM MAÇO DE
CARTAS AMARELADAS E UMA
FOTOGRAFIA ANTIGA. NA FOTO,
UMA MULHER MUITO PARECIDA
COM ELA SORRIA EM FRENTE À
MESMA CASA, AO LADO DE UM
HOMEM DE OLHAR VAZIO. NO
VERSO, UMA DATA: 3 DE
FEVEREIRO, 23H17, E UMA FRASE
ESCRITA À MÃO: "ELA SEMPRE
VOLTA PARA A CURVA".

O RELÓGIO MARCOU 23H17
NOVAMENTE, COMO SE O TEMPO
TIVESSE DADO UMA VOLTA
COMPLETA. A CASA INTEIRA
PARECEU PRENDER A RESPIRAÇÃO.
O SUSSURRO, AGORA ATRÁS DE
ANA, MURMUROU AO SEU OUVIDO:
"VOCÊ DEMOROU MAIS DA ÚLTIMA
VEZ". ELA SE VIROU, MAS NÃO VIU
NINGUÉM. APENAS SENTIU UMA
MÃO GELADA SEGURAR SEU
PULSO E GUIÁ-LA ATÉ A JANELA. LÁ
FORA, NA ESTRADA, OS FARÓIS DE
UM CARRO DERRAPAVAM NA
CURVA, REPETINDO O MESMO
MOVIMENTO QUE ELA HAVIA FEITO
MINUTOS ANTES.

ATÔNITA, ANA PERCEBEU QUE OBSERVAVA A SI MESMA, SAINDO DO CARRO, OLHANDO EM DIREÇÃO À CASA. O CICLO SE REPETIA, COMO UM ECO PRESO NO TEMPO. A VOZ AO SEU LADO SUSSURROU, QUASE COM TERNURA: "ALGUMAS HISTÓRIAS NÃO TERMINAM, APENAS RECOMEÇAM". QUANDO PISCOU, ANA JÁ NÃO SABIA SE ERA A QUE SUBIA O CAMINHO OU A QUE OBSERVAVA DA JANELA. A ÚNICA CERTEZA ERA O SOM DO RELÓGIO, MARCANDO 23H17, PARA SEMPRE.

CLIQUE E COMPRE
&BOOKS

CONTINUE
LENDO

